# Graus de autoevidência\* - 15/07/2019

Russell inicia dizendo que geralmente todas nossas crenças são capazes de  
prova por alguma razão ou mesmo outra crença, embora isso não ocorra  
conscientemente. Porém, ao subir na escala das razões, questionando-as,  
chegaremos a princípios gerais evidentes e não dedutíveis, ao nível da  
indução, e princípios lógicos não demonstráveis. Russell ressalta que até  
proposições aritméticas simples, mesmo que deduzidas, têm tanta evidência  
quanto princípios lógicos e os princípios éticos como: \_" we ought to pursue  
what is good”\_, embora esses últimos mais questionáveis.  
  
Russell diz que, ao comparar princípios gerais com casos particulares, os  
últimos são mais evidentes, como no caso de uma rosa que estamos vendo, não  
podemos dizer que \_é e não é\_ vermelha[i], excetuando-se aí os casos que usam  
abstração. Somam-se aos princípios gerais as verdades autoevidentes  
diretamente derivadas da sensação, chamadas por Russell de verdades da  
percepção e sobre as quais recaem julgamentos da percepção, embora não  
verdadeiros ou falsos. São verdades obtidas dos dados-dos-sentidos, porém não  
se pode dizer de uma amostra de cor que é verdadeira ou falsa, ele  
simplesmente existe.  
  
Há, então, um julgamento da existência dos dados-dos-sentidos e outro que o  
analisa, ambos considerados por Russell verdades autoevidentes. No segundo  
caso, dados-dos-sentidos têm constituintes como um pedaço de vermelho que é  
redondo e nossos julgamentos revelam essas relações. Outro julgamento  
intuitivo abordado por Russell é a memória, a qual coloca na frente de nossa  
mente um objeto que remete ao passado trazendo todo o conhecimento do que  
vivenciamos. Russell comenta que os julgamentos da memória dependem do quão  
recente foram nossas experiências: as mais recentes mais vívidas, porém as  
mais antigas não nos trazem uma certeza evidente. Ou seja, há graus de  
evidência e fidedignidade do que apreendemos pela memória.  
  
Ele enfatiza essa característica da autoevidência, que são os graus, desde os  
mais altos como verdades da percepção e princípios lógicos, passando pelo  
princípio da indução até chegar à variação da memória e julgamentos éticos e  
estéticos. Assim, Russell ressalta a importância dos graus de autoevidência na  
teoria do conhecimento, pois, se proposições podem ter graus de evidência sem  
serem verdadeiras, onde houver um conflito entre verdade e evidência, as  
proposições mais autoevidentes devem ser mantidas. Por fim, Russell diz que a  
noção de autoevidência varia entre a verdade (alto grau) e a presunção (baixo  
grau) e desenvolverá tal conceito associado ao conhecimento e o erro, porém  
antes investigará a natureza da verdade.  
  
   
  
   
  
\* \* \*  
  
   
  
\* Bertrand Russell, Problems of Philosophy. ON INTUITIVE KNOWLEDGE. Acessado em 3/7/2019: [http://www.ditext.com/russell/rus11.html](http://www.ditext.com/russell/rus11.html). Ver o seguinte fichamento e os anteriores: [https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2019/07/o-conhecimento-priori-lida-com-relacoes.html](https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2019/07/o-conhecimento-priori-lida-com-relacoes.html).   
  
[i] O caminho natural é de particular ao geral, ou seja, é indutivo!